

HOLLANDA LOYOLA E A MILÍCIA INTEGRALISTA: ESCOLA DE CIVISMO E “DISCIPLINA INTELIGENTE”

RENATA DUARTE SIMÕES*

O estudo origina-se de inquietações despertadas ainda no período de doutoramento, quando esforços foram direcionados para investigação e análise da “educação do corpo” voltada a militantes inscritos nas fileiras da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento social de extrema direita, arquitetado por Plínio Salgado, que emergiu no Brasil na década de 1930.

No período, a pesquisa que resultou na elaboração da tese intitulada “A educação do corpo no jornal *A Offensiva* (1932-1938)”, desenvolvida de 2006 a 2009, revelou aos meus olhos um dado que não poderia me passar despercebido: Francisco de Assis Hollanda Loyola, renomado autor da Educação Física em âmbito nacional, editor e diretor do primeiro periódico específico da área a partir de 1939 (revista *Educação Physica*), colaborador na constituição de métodos e programas de Educação Física para o Brasil, havia participado efetivamente do integralismo atuando como Mestre de Campo da Milícia, a partir de 1934, o que colaborou para que o grupamento adquirisse uma nova estrutura, mais “organizada e disciplinada”, e passasse a realizar treinamentos periódicos, ações que se repercutiram no movimento e que puderam ser constatadas nas aparições públicas promovidas pela AIB.

Além de Mestre de Campo da Milícia, no Distrito Federal, Hollanda Loyola ainda integrou os quadros integralistas como diretor da Escola Técnica de Instructores de Educação Física e exercendo o cargo de Secretário Provincial de Educação (moral, cívica e física), atividades de direção destacadamente relevantes.

A Ação Integralista Brasileira, fundada em 7 de outubro de 1932, sob forte sentimento nacionalista, propagou de modo surpreendente a sua doutrina, o que possibilitou que lograsse rápido crescimento, arregimentando centenas de adeptos e fundando Núcleos espalhados por todo o País. O integralismo, conhecido por seu ideário de extrema direita e por tornar-se o

* Pós-doutoranda em História da Educação e Historiografia pela Universidade de São Paulo (USP). Integrante dos Grupos de Pesquisa: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em História da Educação (USP/CNPq), Grupo de Pesquisa Integralismo e outros movimentos nacionalistas (UFF/CNPq) e Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior (UFS/CNPq). Pesquisa financiada pela FAPESP. Agradecimentos à Prof.^a Dr.^a Diana Vidal pela orientação cuidadosa deste estudo. Agradecimentos a Rodrigo Santos de Oliveira pelo material cedido para realização desta pesquisa.

2

primeiro movimento de massas do País, organizou seus quadros em uma sólida estrutura hierárquica e seus membros “camisas-verdes” elegeram Plínio Salgado o Chefe Nacional perpétuo e supremo, a quem todos deviam obediência incontestável.

Disseminador de ideias autoritaristas, defensor de uma “democracia” elitista e orgânica, livre de partidos políticos e sem sufrágio universal, Plínio Salgado com intuito de ordenar as fileiras integralistas, estruturou um conjunto de dispositivos ditando regras, normas e rituais a serem seguidos “fielmente” pelos membros da AIB. Essa ordenação instituiu moral e corporalmente o militante no movimento e na sociedade, e a ela todos os integralistas estavam submetidos. Guiando-se por esses princípios, a AIB, com auxílio de Hollanda Loyola, buscou educar corporalmente seus quadros, sua Milícia.

Para coordenar as atividades da Milícia no DF, Salgado nomeou Francisco de Assis Hollanda Loyola para o cargo de Mestre de Campo, determinando a todos os integralistas que viessem a essa patente que a reconhecessem e lhe prestassem as devidas honras. Não é possível precisar ao certo a data de nomeação de Loyola ao cargo de Chefe da Milícia, porque o documento que o comissiona não está datado. Também não foi encontrado o registro de ingresso do dirigente nas fileiras da AIB. Contudo, já no segundo mês de publicação de *A Offensiva* – jornal oficial do movimento – a partir do exemplar de n. 5, de 14 de junho de 1934, p. 8, o “tenente Hollanda Loyola” passa a figurar nas páginas do impresso aparecendo em algumas matérias e notas que o enaltecem pelo trabalho desenvolvido como instrutor-técnico à frente das turmas de reservistas do Ginásio Vera-Cruz. O mesmo jornal destaca a solenidade de juramento à Bandeira realizada pelos reservistas da EIM 26, solenidade essa coordenada por Loyola:

Revestiu-se de raro brilho a festa patriótica promovida no dia 11 corrente pelo Ginásio Vera-Cruz, solenizando o juramento à Bandeira da nova turma de reservistas da E. I. M. 26, com sede naquele educandário. A direção do Ginásio e o instrutor da Escola desenvolveram a maior atividade para que nada faltasse para brilhantismo do ato [...]. Realizou-se então o juramento. O tenente Hollanda Loyola leu-o e os novos reservistas repetiram-no. Cada rosto resplandecia de patriotismo e de fé nos destinos da pátria, e cada coração pulsava animado por uma sensação justa de regozijo.

O tratamento respeitoso e enaltecedor conferido a Loyola por *A Offensiva*, quando nem havia se tornado autor de destaque do jornal, indicam que ele já fazia parte dos quadros da AIB, possivelmente como Mestre de Campo da Milícia Integralista, ou que, no mínimo,

3

era simpático as ideias do integralismo e que seu trabalho era admirado pelos dirigentes. A ampla abertura às publicações de Loyola nos jornais integralistas e as importantes funções que lhe foram atribuídas no período em que esteve inscrito nas fileiras do movimento, indicam que a admiração de dirigentes e militantes integralistas por ele cresceu e se substancializou com o passar do tempo, possibilitando-lhe uma vasta atuação na AIB.

Assim, diante dos inúmeros investimentos integralistas na preparação de seus militantes para que lutassem pelas causas do movimento, dado que não poderia se passar despercebido, e em face às descobertas sobre a atuação de Hollanda Loyola nos quadros da AIB, o estudo, que por ora apresento, busca realizar uma reflexão sobre o treinamento paramilitar direcionado à Milícia Integralista, no período em que Loyola ocupou o cargo de Mestre de Campo. A investigação é concebida com intuito de verificar os preceitos e intenções empregadas na instrução dos milicianos e na manutenção de uma unidade armada nos quadros do movimento quando esteve à sua frente o dirigente Hollanda Loyola.

Para realização deste estudo, analiso fundamentalmente os números do jornal *Monitor Integralista*, periódico doutrinário e prescritivo do movimento, encontrado no Acervo Plínio Salgado do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro-SP, e o jornal *A Offensiva*, encontrado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Direciono olhares para os artigos, seções e colunas que trazem “Instruções para a Milícia” e/ou dados sobre encontros, reuniões e informações sobre o grupamento.

Hollanda Loyola e a Milícia integralista

Em dezembro de 1933, após pouco mais de um ano de fundação da AIB, já figura no jornal *Monitor Integralista* notícias sobre a Milícia do Distrito Federal que, à época, segundo o periódico, era constituída por “1.800 camisas-verdes, operários, estudantes, funcionários públicos, médicos, engenheiros, advogados, pequenos industriais e empregados no comércio”.¹

A Milícia do Distrito Federal foi constituída em janeiro de 1933 e inicialmente chefiada pelo Secretário Geral Everaldo Leite e pelo Chefe Provincial Dr. Madeira de Freitas. Uma das primeiras providências adotadas pelo Serviço de Intendência da Milícia (SI), após a implantação do Comando do DF, foi a confecção de uniformes dos milicianos.

¹ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, n. 1, p. 1.

4

Em janeiro de 1934, Freitas, à frente da Milícia, “que estava aumentando muito o seu efetivo”, designou Olympio Mourão, que havia concluído o Curso do Estado-Maior do Exército, para o cargo de Chefe do Estado Maior das Milícias.² Com a posse de cargo por Mourão, acreditava-se que as Milícias passariam por uma reorganização que obedeceria a uma “diretiva nitidamente militar”. Entre as disposições ditas mais importantes, foram destacadas as instruções físicas a serem administradas aos Chefes Distritais, Centuriões e Decuriões, “que assim [obteriam] um elevado espírito de ordem, disciplina e hierarquia indispensável à educação dos seus milicianos”.³

A Milícia de São Paulo também se estruturou com “garbo”, tendo como instrutor Geral o Dr. Epaminondas de Albuquerque. No período, também estavam em funcionamento em São Paulo a Brigada de Choque (tropa de defesa pessoal do Chefe Nacional e Vanguarda da Milícia) e os Núcleos de Instrução Distritais, “dirigidos por instrutores competentes e sob as vistas do Instrutor Geral”. Entre os milicianos paulistas, segundo o exposto, “[reina] o maior entusiasmo e a melhor boa vontade em *prol* da Milícia Integralista”.⁴ A organização das Milícias do DF e de São Paulo serviu como elemento impulsionador para a constituição das Milícias nos demais Estados brasileiros.

Contudo, funcionando as Milícias nos Estados de acordo com regulamentos criados por seus próprios comandantes, designados pelo Chefe Nacional, não era possível observar uma unidade no grupamento, o que incomodava Plínio Salgado. Logo, o Chefe Nacional resolveu criar um regulamento de abrangência nacional, de modo que pudesse direcionar as atividades realizadas pelas Milícias em todo o País.

Assim, pela defesa da Pátria e do *Sigma*,⁵ o integralismo aprovou, no 1º Congresso Integralista Brasileiro, realizado na cidade de Vitória/ES, nos dias 28 de fevereiro e 1, 2 e 3 de março de 1934, o Regulamento do Departamento da Milícia Integralista. Do Congresso de Vitória, objetivava-se organizar “a estrutura completa do movimento integralista no Brasil e a organização definitiva da Milícia dos camisas-verdes”, que pretendia funcionar com uma estrutura inspirada nos moldes do Exército e com atuação semelhante à das brigadas

² *Monitor Integralista*, primeira quinzena de janeiro de 1934, n. 3, p. 2.

³ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de janeiro de 1934, n. 4, p. 3

⁴ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, n. 1, p. 4.

⁵ O *Sigma* era o sinal simbólico do integralismo. A letra grega corresponde ao “S” e indica o Somatório das Matemáticas. Baseado em Leibniz, que a escolheu para indicar a soma dos números infinitamente pequenos, Salgado empregou-a, em analogia aos membros da AIB, em camisas, bandeiras, faixas e outros aparatos propagandísticos e ritualistas.

5

paramilitares fascistas, conforme a orientação do seu organizador, o Capitão Mourão Filho.⁶

Cada núcleo integralista adquiriu uma versão do Regulamento, elaborado para que se pudesse estabelecer uma unidade de método na formação técnico-militar. O Regulamento também foi publicado nos jornais integralistas como meio de divulgar e fazer conhecer a instrução da Milícia pelos “camisas-verdes” de todo o Brasil e do estrangeiro.

Com a estruturação do Departamento da Milícia, fez-se necessário organizar os quadros de milicianos. Aos Comandantes de Destacamento solicitou-se que providenciassem a quantificação e classificação do efetivo através da “imediate confecção e escrituração das folhas de registro de assentamentos”, resultando na elaboração de um “fichário completo” e nominal de todos os milicianos da Província.⁷

Realizado o 1º Congresso Integralista, o Chefe Nacional resolveu exonerar todos os Chefes que vinham realizando atividades de direção, dos cargos que estivessem ocupando, quer fossem esses de caráter Nacional ou Provincial. Para a constituição de um Secretariado Nacional, Gustavo Barroso foi nomeado Secretário Nacional do Departamento da Milícia Integralista. Everaldo Leite, que deixou o cargo de Chefia na Milícia do Distrito Federal, passou a ocupar o cargo de Secretário do Departamento de Organização Política.⁸

Para coordenar os trabalhos da Milícia no Distrito Federal – “usando os poderes que lhe [foram] reconhecidos pelo Art. 3º, alínea K do Cap. I, título 2º dos Estatutos aprovados pelo 1º Congresso Integralista Brasileiro” – Plínio Salgado comissionou Francisco de Assis Hollanda Loyola ao posto de Mestre de Campo. Ao assumir o cargo, Loyola prestou um juramento de fidelidade ao movimento e ao Chefe Nacional:

Juro por Deus e pela minha família, exercer o cargo de Mestre de Campo da Milícia Integralista da AIB, realizando com a maior fidelidade o pensamento do Chefe Nacional, cumprindo e fazendo cumprir os regulamentos vigentes, zelando pela pureza da doutrina integralista, mantendo a maior disciplina, colocando os interesses do integralismo acima de qualquer sacrifício pessoal.⁹

A nomeação de Hollanda Loyola ao cargo de Mestre de Campo representou um

⁶ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de fevereiro de 1934, n. 5, p. 6

⁷ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de agosto de 1934.

⁸ A primeira estrutura da AIB constituiu-se de seis Departamentos Nacionais: Organização Política, Doutrina, Propaganda, Cultura Artística, Milícia e Finanças. Essa estrutura se reproduzia nas Províncias. Plínio Salgado, Chefe Nacional, São Paulo, 15 março de 1934. *Monitor Integralista*, primeira quinzena de maio de 1934, n. 6, p. 7.

⁹ Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, Notação 1 – Sobre a “Polícia Integralista”.

6

significativo avanço na ordenação do quadro miliciano do Distrito Federal/RJ, no período capital brasileira. Vista como uma das principais ações engendradas por Loyola ao início de sua atuação na Milícia, o jornal *A Offensiva* destaca a promoção de encontros periódicos para o treinamento prático dos milicianos.

A Offensiva de 21 de fevereiro de 1935, p. 1, aborda a concentração do Destacamento da Milícia do DF, realizada na Quinta da Boa Vista, ressaltando o “grande entusiasmo” dos integralistas que se reuniram em seus postos, “alegres” e “disciplinados”, conscientes de sua missão. Na ocasião, após realizada a solenidade das bandeiras e a vocalização do Hino Nacional, o Mestre de Campo Hollanda Loyola, Chefe do Estado Maior Provincial, fez a apresentação de seu Estado ao Brigadeiro Jeronymo Furtado do Nascimento, Chefe do Estado Maior Nacional, que elogiou publicamente Loyola pelo seu trabalho no comando, refletido na demonstração de disciplina e entusiasmo da Milícia.

Nogueira da Gama Filho destacou, no jornal *A Offensiva* de 28 de fevereiro de 1935, elogios à Milícia por sua estruturação, organização e disciplina, conquistadas por meio da constituição de unidades permanentes, com seus oficiais graduados e milicianos em constante contato; a organização de legiões e grupos de legiões de comando e tropas estáveis; e a criação de uma Escola Provisória de Oficiais de Milícia, onde a oficialidade existente passou a receber “instrução eficiente e indispensável”. Segundo Gama Filho, essas medidas possibilitaram a divisão do trabalho, iniciando uma nova fase de atuação.¹⁰

Gama Filho, assim como outros, revelou conferir grande parte desse sucesso ao trabalho realizado por Loyola à frente da Milícia, salientando a organização e a dedicação empregadas no treinamento dos “camisas-verdes”. Esse alcance se dera, segundo Nogueira, pelos esforços de concentração na constituição prática da Milícia, que era mais teórica. Os milicianos, que não se encontravam para a organização prática da Milícia, passaram a receber treinamento rotineiro.

Com o sucesso da Quinta da Boa Vista, a Milícia do DF consolidou o início de uma nova fase de operosidade, “brilhantismo e obediência às determinações do Chefe Nacional e pelo bem do Brasil”.¹¹

Contudo, o próprio jornal destaca que nem sempre foi assim, nem sempre a Milícia

¹⁰ FILHO, N. G. Assumptos de Milícia. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 42, p. 4, 28 fev. 1935.

¹¹ *Ibidem*.

7

Integralista demonstrou essa disciplina em seus desfiles. No ano de 1934, na “empolgante” Parada Integralista do dia 20 de maio, realizada no Rio de Janeiro, os milicianos, “desobedecendo” ao que lhes foi “ordenado”, chegaram ao local de concentração atrasados, muitos sem o uniforme, e mantiveram-se em conversas, desenfileirados, em total estado de “desorganização”, postergando o início do desfile em três horas. O início do desfile, que estava marcado para as duas horas, só pode ser realizado às cinco da tarde. Os milicianos, refletiram os relatos, já estavam cansados, e os comandantes exaustos. Esse fato só foi comentado quase um ano depois, no jornal do dia 28 de fevereiro de 1935, n. 42.

É provável que a desorganização do desfile tenha sido lembrada e comentada tantos meses depois, quando nem mais se recordaria de tal fato o leitor menos atento, para que a melhorias resultantes dos treinamentos da Milícia promovidos por Hollanda Loyola fossem colocadas em relevo, mostrando que muito havia sido feito pelo Mestre de Campo em *prol* da ordenação e coesão dos milicianos.

Hollanda Loyola colaborou expressivamente para que os treinamentos realizados pela Milícia do DF ganhassem periodicidade e para que os milicianos adquirissem o senso de disciplina enfaticamente apregoado pela AIB, fundamentando-se no argumento que destacava ser a Milícia uma escola de civismo, de “disciplina inteligente”, “de patriotismo sadio, inteiramente nova no Brasil”.¹² Nos treinamentos por ele administrados, foram empregados os princípios do Regulamento do Departamento da Milícia, elaborado por Gustavo Barroso e aprovado por Plínio Salgado.

A instrução para a Milícia

Em *A Offensiva*, os artigos e notícias sobre a Milícia aparecem já nas primeiras edições. No exemplar n. 6, de 21 de junho de 1934, p. 4, é noticiada a realização, no dia 11 de junho, na sede do Rio de Janeiro, de uma conferência com o Secretário Nacional da Milícia, Gustavo Barroso. As notícias sobre a Milícia não aparecem num local fixo do jornal, são publicadas dispersas quando convém, ou seja, quando se faz necessário convocar o militante para um desfile, uma reunião, um treinamento, ou quando se expõe a realização de algum evento em que tenha participado a Milícia ou que tenha sido por ela organizado.

Enquanto no jornal *Monitor Integralista* o enfoque sobre a Milícia é voltado para

¹² *A Offensiva*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1935, p. 4.

8

orientação, normatização e doutrinação, em *A Offensiva* os textos estão direcionados à legitimação e defesa do aspecto antiarmamentista que a AIB argumentava defender. Por intermédio de *A Offensiva*, Loyola convocava os militantes para os encontros promovidos pela Milícia e avisava sobre os desfiles e solenidades do movimento, em que deveria tomar parte o grupamento sob sua direção.

O processo de iniciação na militância do movimento desenvolvia-se na organização da juventude (“plinianos”), dos quatro até os 15 anos de idade. Contudo, só a partir dos 16 anos poderia o “camisa-verde” ter ingresso definitivo na Milícia. Todo integralista com idade de 16 a 42 anos era obrigado a inscrever-se nas Forças Integralistas (FI), optando pela categoria em que desejasse se engajar e pela qual realizaria um curso de instrução. Após preencher uma ficha onde ficariam registradas todas as suas aptidões, o candidato deveria assinar o juramento perante o Comandante da Milícia e duas testemunhas, lendo-o em voz alta:

*Assentando praça na Milícia Integralista, em nome de Deus e pela minha honra eu juro: primeiro, absoluta disciplina aos meus chefes e perfeita solidariedade aos meus camaradas; segundo, dar a minha vida, se necessário, pela causa da Revolução Integralista; terceiro, amar, respeitar e fazer respeitar o Chefe Nacional.*¹³

Com o cumprimento de sua instrução, o miliciano juraria bandeira em sessão solene no núcleo da AIB, onde uma nova promessa de fidelidade ao Chefe seria prestada. Embora fosse denominado de “juramento às bandeiras”, tratava-se de uma declaração coletiva de submissão absoluta aos preceitos integralistas e a Plínio Salgado.

O ritual de juramento foi vastamente utilizado pela AIB como um modo de criar vínculos mais consistentes e de maiores comprometimentos com os seus membros. Hollanda Loyola destacou a importância do juramento para o miliciano, “soldado de Deus, da Pátria e da família, homem novo” capaz de salvar o Brasil “dos oportunistas sem brilho” e dos “revolucionários improvisados”. Ressaltou, ainda, a necessidade de o miliciano incorporar os valores do movimento quando submetido a esse ritual, buscando refletir em suas atitudes os preceitos integralistas:

[...] Milicianos, o sedentarismo, a comodidade e a indiferença são incompatíveis com o nosso Movimento que é, antes de tudo, atividade, vibração, entusiasmo, uma afirmação viva de um princípio fundamental de coesão, uma demonstração pública

¹³ Departamento de Milícia – Estado Maior. O alistamento da Milícia. *Monitor Integralista*, ano II, n. 6, p. 6, maio 1934.

*de valor. Tudo isso falará se o juramento que fizeste não ecoar nos refulhos de vossas almas e não encontrar em vossas atitudes o reflexo de vossa dignidade.*¹⁴

O juramento, articulado a outros ritos e símbolos, previa a transmissão de valores e estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado integralistas. Inspirados nos movimentos fascistas europeus, os rituais da AIB eram empregados para assegurar o aprendizado político-ideológico dos militantes. A tarefa fundamental desses rituais era criar o hábito da obediência aos chefes e de submissão às estruturas hierárquicas (TRINDADE, 1979:188).

Para que fossem obedientes com suficiente presteza, os milicianos deveriam conhecer os termos militares que eram empregados para organização das tropas, tais como: “coluna”, “coluna por um”, “fileira”, “fila”, “homem de base”, “linha”, “frente”, “formação”, “intervalo”, “distância”, “profundidade”, entre outros.¹⁵ Para além dos termos, era fundamental dominar os símbolos e os gestos que compunham o cotidiano da ação da Milícia, afinal, o comandante transmitia as ordens à sua tropa também por meio de gestos, silvos de apito e toques de corneta, que seriam utilizados tais como os do Exército Nacional.¹⁶

Hollanda Loyola argumentava que uma boa execução depende de um bom comando. Nesse sentido, a voz de comando deveria “ser clara e precisa, enérgica e imediata” e as ordens deveriam ser conhecidas por toda a tropa. A fim de que pudessem ser rápidas e precisas as ações da Milícia em aparições públicas e em conflitos corporais e armados em que tomasse parte, a execução rápida em resposta à voz de comando deveria ser enfaticamente treinada.

Apesar de Salgado ter mencionado várias vezes, em diversos textos e discursos, que se opunha ao uso da força e da violência no processo de organização da Pátria e da Revolução Integralista, o integralismo não abdicou de treinar e armar sua Milícia com o argumento de que seria ela um órgão importante para efeitos de disciplinarização do integralista e para manutenção da ordem. Plínio Salgado criou a Milícia Integralista com treinamento específico para utilização de armas e explosivos, mas jamais admitiu publicamente que esses quadros estavam sendo treinados para combate. Em defesa do movimento, argumentava que ele venceria por meio de ideias. No entanto, os “Regulamentos da Milícia” apontam para

¹⁴ *A Offensiva*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1935, p. 1.

¹⁵ Regulamento Provisório para a Instrução da Milícia Integralista (X). *Monitor Integralista*, ano II, n. 7, p. 5, set. 1934.

¹⁶ *Ibidem*.

10

intenções obscuras de vencer pelo uso da força.

Nogueira da Gama Filho, em defesa da imagem da Milícia que a AIB buscava transmitir, argumentou, em texto publicado em *A Offensiva* de 23 de março de 1935, p. 4, que se tratava menos de uma organização militarizada que de uma escola de civismo e de ordem:

Milícia integralista! Escola de ritmo e harmonia onde se acrisolam e se homobenizam todas as virtudes do coração e do entendimento. Milícia de homens livres, escravos voluntários de um ideal sublime! Escola de disciplina e de ordem onde cada um traz dentro de si a noção perfeita do dever a cumprir, o espírito de abnegação, a imagem do sacrifício. [...] Nela o povo vibra de esperança, ergue-se viril e forte, caminha de frente erguida, peito descoberto, passo firme, para uma redenção gloriosa.

O Departamento da Milícia era dirigido pelo Chefe Nacional – Comandante Supremo das Forças Integralistas (FI) de Terra, Mar e Ar – que contava com a colaboração do Secretário Nacional, cargo ocupado por Gustavo Barroso, responsável pela Milícia Integralista e pela Tropa de Proteção, bem como do Chefe do Estado Maior, responsável pela “[...] preparação e execução das decisões do Alto Comando (Comando Provincial)”.¹⁷ Essa estrutura se reproduzia também em âmbito regional com suas ramificações locais. O Comando Provincial tinha a mesma organização do Comando Nacional.

A função da Milícia era a de preparar os “camisas-verdes” para além dos desfiles e da cultura física. Objetivava-se desenvolver um treinamento militar, desde a instrução de “técnica, tática e moral” até a elaboração de planos de combate. Desse modo, Hollanda Loyola reforçava a necessidade de unir empiria e teoria por meio de encontros semanais em que os treinamentos práticos estivessem direcionados para o preparo do miliciano integralista, soldado que se esperava formar, “forte de físico, culto de cérebro, grande de alma”.¹⁸

O Departamento de Milícia, inicialmente, foi composto de Comando (órgão de direção) e Tropa (órgão de execução). A Tropa era dividida em Armas e Serviços. As Armas poderiam ser infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia e aviação.

Os Serviços eram compostos de duas categorias: Provedores e Transportadores. Os Provedores reuniam o Serviço de Saúde, Serviço de Intendência, Material Bélico, Engenharia, Correio, Política e Justiça. Os Serviços Transportadores reuniam os Serviços de Transporte Terrestre (Serviço de Estrada de Rodagem e Ferrovia), Serviços de Transporte Marítimo e

¹⁷ Departamento de Milícia. Cap. I: dos Órgãos. *Monitor Integralista*, ano II, n. 6, p. 5, maio 1934.

¹⁸ LOYOLA, Hollanda. Educação Physica V: finalidades. *A Offensiva*, n. 56, p. 6, 8 jun. 1935.

11

Fluvial.

Hierarquicamente o Departamento da Milícia estava dividido em:

- 1º) *Graduados – Sub-Decurião, Decurião e Sub-Monitor;*
 2º) *Oficiais – Monitor Bandeirante e Mestre de Campo;*
 3º) *Oficiais Gerais – Brigadeiro, Tenente General e Chefe Nacional.*¹⁹

Por meio da instrução técnico-militar, esperava-se disciplinar o integralista moral e corporalmente, conferindo coesão ao grupo de milicianos. A instrução técnico-militar compreendia a instrução geral, a física e a militar propriamente. A instrução geral, “complemento da educação moral”, tinha como objetivo a prática do miliciano no desempenho das “missões” que lhe fossem atribuídas na Milícia Integralista.²⁰

A instrução física abrangia os exercícios físicos propriamente ditos e o aproveitamento do valor físico de cada um nas diversas especialidades necessárias à ação dos milicianos nas lutas internas contra os inimigos da Pátria.²¹ No processo de militarização, a Educação Física foi utilizada como instrumento, promovendo disciplina e hierarquia. O enfoque da militarização do corpo, higienizado e eugenizado, era percebido como instrumento de transformação do corpo social. O aperfeiçoamento eugênico, alicerçando-se no aprimoramento do físico, era compreendido por Hollanda Loyola como o promotor do afastamento dos vícios da raça e o aprimoramento higiênico o promotor dos corpos saudáveis que iriam salvar o Brasil.²²

A instrução militar compreendia a instrução técnica e a instrução tática. A instrução técnica dizia respeito à “Ordem Unida”, que objetivava proporcionar aos milicianos e às unidades os meios para que se movessem com perfeita ordem nas formaturas de apresentações; ensinar as técnicas do armamento e de uso material de toda a espécie que os milicianos tivessem que empregar; assim como treiná-los com exercícios de flexibilidade que visavam ensinar as formações e movimentos mais comuns na luta.²³

A instrução tática, por sua vez, visava ensinar a aplicação, em todas as circunstâncias

¹⁹ Departamento de Milícia. Cap. IX: Da hierarquia. *Monitor Integralista*, ano II, n. 6, p. 6, maio 1934.

²⁰ Regulamento Provisório para a Instrução da Milícia Integralista: objetivo e divisão da instrução (XXVII). *Monitor Integralista*, ano II, n. 7, p. 5, set. 1934.

²¹ *Ibidem* - (XXVIII).

²² LOYOLA, Hollanda. Educação Physica V: finalidades. *A Offensiva*, n. 56, p. 6, 8 jun. 1935.

²³ Regulamento Provisório para a Instrução da Milícia Integralista: objetivo e divisão da instrução (XXX). *Monitor Integralista*, ano II, n. 7, p. 5, set. 1934.

12

de tempo e de espaço, dos conhecimentos adquiridos nos diversos ramos da instrução técnico-militar.²⁴

Dividida em três períodos, a instrução se daria nos núcleos, dirigida pelos Chefes de cada um deles, com auxílio dos milicianos mais “aptos”. No 1º período, com duração de dois meses, o miliciano deveria aprender noções sucintas de organização e papel da milícia no integralismo, deveres do miliciano, hierarquia na milícia, movimentos individuais e em conjunto.²⁵ Os movimentos eram exaustivamente treinados para que, em desfiles e solenidades, os integralistas mostrassem harmonia, uniformidade. O 2º período teria duração de três meses e nele o miliciano continuaria a se aperfeiçoar nos exercícios de ordem unida, em ligeiros trabalhos de organização de terreno, nos conhecimentos e utilização do terreno, no conhecimento e utilização das armas de defesa individual, e em noções sobre emprego de explosivos.²⁶ No 3º período, com duração de quatro meses, seria completado o período de instrução com o ensinamento de tática dos pequenos combates, sobretudo nas cidades, e pequenos trabalhos em campanha.²⁷

O ensino dos exercícios na Escola do Miliciano se dava por meio da “repetição”. Os milicianos eram reunidos em turmas e postos em fileiras conforme a natureza do exercício e o espaço disponível. O instrutor colocava-se à frente da turma de modo que pudesse ser visto e ouvido por todos. Lentamente, o movimento a ser executado era mostrado pelo instrutor. Em seguida, o instrutor repetia a execução e todos o acompanhavam. Por fim, solicitava que realizassem o exercício sozinhos e, com a ajuda dos auxiliares, corrigia as “falhas”.²⁸ Os exercícios deveriam ser executados precisamente, como mostrados pelo instrutor; caso contrário, seriam repetidos e corrigidos até que os executantes pudessem realizá-los “perfeitamente”.²⁹

A “correção de atitude” era vista como a possibilidade de garantir o equilíbrio de todas as partes do corpo, favorecendo o desenvolvimento físico do principiante e proporcionando o

²⁴ Ibidem - (XXXI).

²⁵ Ibidem - (XXXVII).

²⁶ Ibidem - (XXXVIII).

²⁷ Ibidem - (XXXIX).

²⁸ Regulamento Provisório para a Instrução da Milícia Integralista: exercícios de Ordem Unida – Escola do Miliciano (XLI - XLV). *Monitor Integralista*, ano II, n. 7, p. 5, set. 1934.

²⁹ Ibidem - (XLVI).

13

andar desembaraçado e marcial.³⁰ A repetição sistemática dos movimentos objetivava conduzir o principiante à execução automática e de absoluta precisão.

A eficiência da instrução cabia, em grande parte, ao instrutor que, antes de tudo, deveria saber impressionar a sua tropa, captando dos seus “instruendos” a confiança e a simpatia, inspirando-lhes respeito e autoridade. Assim, o instrutor não poderia ser um “[...] indeciso, um fraco, um ignorante, um desmoralizado, um agressivo, um inepto; é mister ter atitude, personalidade, força moral, iniciativa”.³¹ Segundo Loyola, a conduta do instrutor deveria ser impecável, porque são de grande responsabilidade as suas funções:

*A ele está confiada a nobre missão patriótica e social de preparar as gerações fortes e puras, trabalhadoras e altivas, conscientes e decididas que hão de perpetuar pelos séculos a grandeza de uma nação e a imortalidade de um povo.*³²

As marchas eram exaustivamente treinadas, pois eram muito utilizadas nos desfiles e solenidades públicas. A precisão era extremamente exigida, devendo o executante treinar o tamanho dos passos (75 cm) e o ritmo com que deveriam ser realizados (120 por minuto). A execução das marchas se dava pelos comandos: ordinário-marche!; alto!; marcar-passo!; em frente!; trocar-passo!; passo sem cadência!; acelerado-marche!. A esses comandos, completavam-se os de voltas: direita volver!; esquerda volver!; meia volta-volver!; oitava à direita volver!.³³

A imagem do integralista “soldado” de pensamento uno e marcha precisa era a que a AIB buscava apresentar incessantemente nos desfiles e aparições públicas. Em *A Offensiva* de n. 2, p. 8, Plínio Salgado teceu numerosos elogios à Milícia, que, segundo ele, havia demonstrado no desfile realizado no Distrito Federal, no dia 20 de maio de 1934, ordem, disciplina e entusiasmo pela causa integralista em “tão poucos meses de instrução”. Apesar dos elogios de Salgado, um ano depois, o que *A Offensiva* vai mostrar é que o desfile foi caótico, marcado por desencontros e atrasos.

No jornal do dia 10 de janeiro de 1935, p. 35, outro relato destaca que, ao desfilar pelas praças e ruas da Zona Sul do RJ, a Milícia ocasionou admiração dos moradores que a

³⁰ Regulamento Provisório para a Instrução da Milícia Integralista: exercícios de Ordem Unida – Escola do Miliciano (XLVII).

³¹ LOYOLA, Hollanda. Educação Physica: Plano Geral XVI. *A Offensiva*, n. 67, p. 4, 24 ago. 1935.

³² Ibidem.

³³ Regulamento Provisório para a Instrução da Milícia Integralista: marchas (LVI - LXVIII). *Monitor Integralista*, ano II, n. 7, p. 5-6, set. 1934.

14

elogiavam pela “correção e disciplina”, demonstrada pelos integralistas. Nessa ocasião, um “grupo popular” acompanhou o desfile, seguindo, na retaguarda, a Milícia.

A organização dos desfiles seguia um padrão estabelecido no Regulamento Provisório para a Instrução da Milícia Integralista. No desfile realizado no dia 6 de janeiro de 1935, pela Milícia Integralista do Paraná, “como de praxe”, o Chefe Provincial passou revista às tropas, seguindo-se empolgante cerimoniais de juramento à bandeira e de fidelidade ao Chefe Nacional. Prosseguiu-se o ato com o cantar da primeira parte do Hino Nacional e, logo após, foram proferidos os discursos. Por fim, ouviu-se a voz de Marcha, dada pelo Mestre de Campo Comandante das tropas Egmar Schimmelpfeng.

Nas cerimônias da Milícia Integralista, o juramento à AIB e ao Chefe era lido por um “camisa-verde” e acompanhado pelos demais integrantes da Milícia que responderiam quando evocados:

*Em nome de Deus, pela nossa Pátria, pela nossa família e pela nossa honra, nos juramos dar a nossa vida, se necessário, pela Revolução Integralista Brasileira, amar, respeitar e defender o Chefe Nacional, amar, respeitar e defender as Bandeiras Nacional e integralista, símbolos da Pátria gloriosa e da ideia; juramos fidelidade à doutrina integralista e disciplina, absoluta e sem exame, aos Chefes.
Tropa em resposta: nós juramos!*³⁴

Para que as solenidades públicas fossem realizadas com sucesso, Salgado argumentava que o miliciano precisaria obedecer às determinações de seus superiores hierárquicos, invariavelmente, quando fossem convocados. O “bom miliciano”, para a AIB, era aquele que sabia obedecer, sem discutir, às regras de seus superiores; aquele que, demonstrando disciplina e coragem em suas ações, cumpriria, sem questionar ou deixar-se tomar pela curiosidade, as ordens que lhe fossem direcionadas:

*Ordem é ordem. Ordem não se discute. O miliciano não precisa saber para que foi convocado nem para onde vai, nem o que vai fazer. [...] Como poderá haver harmonia de movimento se não houver disciplina, se cada integralista não jurar que o trabalho pelo seu movimento será realizado ‘executando sem discutir’ as ordens recebidas do alto? [...] Quem quiser batalhar conosco, venha sofrer conosco e talvez possa morrer gloriosamente dirigindo a mais bela das orações a Deus. Porque a linguagem da fé se traduz no sacrifício e na luta e ela não faltará na ação dos que obedecem para servir a Pátria e a Deus.*³⁵

Geralmente, as instruções à Milícia eram publicadas, dias anteriores aos desfiles, nos

³⁴ *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 8, 24 maio 1934.

³⁵ SALGADO, Plínio. O juramento. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano I, n. 32, p. 4, 20 dez. 1934.

15

jornais integralistas. A *Offensiva* do dia 6 de setembro de 1934, n. 17, trouxe, em sua primeira página, as instruções do Comandante Provincial da Milícia, Hollanda, Loyola, para os integralistas que desfilariam na comemoração do dia da Pátria. Informações sobre a organização, local de concentração, uniforme a ser utilizado e sobre o itinerário do desfile foram apresentadas. No jornal *A Offensiva* e no *Monitor Integralista*, os chefes hierárquicos divulgavam, enquanto durou a Milícia, as concentrações, os desfiles, os treinamentos, exaltando essas atividades, além de utilizarem o espaço para convocar os milicianos para esses encontros.

A Milícia e sua estrutura foram extintas em abril de 1935 pela Lei de Segurança Nacional, promulgada pelo Governo Vargas. Plínio Salgado explica o fim da Milícia em entrevista ao “Correio da Manhã”, também publicada em *A Offensiva* do dia 20 de julho de 1935, p. 7. O Chefe Nacional diz que a extinção se deu “[...] para evitar más interpretações dos hermeneutas comunistas que se infiltraram no Partido Liberal”. Promovendo o fechamento de entidades suspeitas e com fins armamentistas, o decreto determinou o encerramento das atividades da Milícia Integralista, fato protestado pela elite do movimento que passou a realizar o ritual “A noite dos tambores silenciosos”,³⁶ uma forma simbólica de os integralistas manifestarem seu desacordo pela extinção da Milícia.

Em 1936, a estrutura da extinta Milícia foi transplantada para a organização da juventude (os “Plinianos”) quando seu Departamento se transformou em Secretaria Nacional de Educação (moral, cívica e física). A linguagem militar foi substituída por uma nova terminologia, mas o essencial dos objetivos permaneceu o mesmo. As unidades denominavam-se então “turma, escola, bandeira, academia” e duas novas unidades foram criadas: “os grupos de academias”, sob o comando de um Governo de Região, e a “Província”, sob a direção do Secretário Provincial da Educação.

Hollanda Loyola, com a extinção do cargo de Mestre de Campo, em função da extinção da Milícia, passou a ocupar o cargo de Secretário Provincial de Educação, tornando-se o responsável por coordenar as atividades da Secretaria Nacional de Educação (moral, cívica e física) e por prosseguir com o trabalho de organização e disciplinamento. Assim, iniciou-se a publicação de uma série de artigos “técnicos sobre Educação Física, com a

³⁶ A noite dos tambores silenciosos é um ritual em comemoração à proclamação do Manifesto Integralista, em 7 de outubro de 1932, e, ao mesmo tempo, uma forma simbólica de os integralistas manifestarem seu desacordo pela extinção da Milícia pelo governo.

16

finalidade de orientar as atividades dos soldados do *Sigma*, produzidos pelo Secretário Provincial de Educação”,³⁷ Francisco de Assis Hollanda Loyola. Esses artigos, redigidos pelo Secretário Provincial, que “dispensa, pois, apresentações”, viriam a reafirmar o espírito de entusiasmo e de fé da Província da Guanabara, mantendo vivo no coração dos integralistas o espírito da antiga Milícia.³⁸

O integralismo pretendia, com as mudanças em sua estrutura, concomitantemente às atividades esportivas, físicas e cívicas, continuar desenvolvendo, ainda que de maneira velada, atividades paramilitares. Essa nova configuração permaneceu inalterada até 1937, quando todos os partidos políticos foram suprimidos, inclusive a AIB que se transformou em uma sociedade civil, denominada Ação Brasileira de Cultura, perdurando até 1938.

Considerações finais

O papel paramilitar da Milícia e das tropas de serviços especiais é indelével na história do integralismo. Em diversas ocasiões ela entrou em ação nos conflitos de rua dos quais os de mais destaque ocorreram em São Paulo – Bauru, em 3 de outubro de 1934; Largo da Sé na Capital, 23 de novembro de 1934; no Rio Grande do Sul – São Sebastião do Caí, em 24 de fevereiro de 1935. Eliminou, inclusive, em praça pública, um lituano que atentara contra a vida do Chefe Nacional, deixando transparecer que por trás do discurso apologético ao desarmamento, proferido pela AIB na figura de Plínio Salgado, o integralismo escamoteava os reais intentos revolucionários que se concretizaram pela disputa corpo a corpo e pelo uso de armas.

REFERÊNCIAS

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. *Páginas de combate*. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio, 1937.

TRINDADE, Héliog. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difiel, 1979.

³⁷ *Monitor Integralista*, ano V, p. 3, 10 abr. 1937.

³⁸ *Província de Guanabara*, 13 jun.1937, n. 5, p. 3.